

A FORMULAÇÃO “DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL” NO DISCURSO JORNALÍSTICO SINOPENSE

Neusa I. Philippsen¹

Cristinne L. Tomé²

RESUMO: Este artigo é um recorte das atividades desenvolvidas no Projeto de Pesquisa e Extensão “Tecer de uma discursividade na região norte mato-grossense da Amazônia Legal: contextos e possibilidades de desenvolvimento frente à sustentabilidade”. O objetivo da pesquisa é compreender a discursividade posta na região norte mato-grossense, inserida na Amazônia Legal, na formulação “desenvolvimento sustentável”, por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa. Neste recorte, analisam-se dois artigos veiculados na mídia impressa de Sinop, com o intuito de averiguar, no discurso jornalístico, como a temática “desenvolvimento sustentável” é apresentada nas marcas linguísticas enunciativas pelo enunciador-jornalista. Busca-se apreender os diferentes efeitos de sentido que aparecem nos diálogos no momento da produção e da circulação dos fatos trazidos pelos textos informativos que circulam nesse espaço discursivo. Dentre os resultados analíticos que se evidenciaram nas formulações, destacam-se deslocamentos, incompletudes e polêmicas entre os discursos ambientalistas e desenvolvimentistas, confrontados em um embate ideológico socioeconômico que se empreende, fundamentalmente, pelas organizações de trabalho e pelos sistemas políticos vigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Jornalístico. Desenvolvimento Sustentável. Sinop.

THE FORMULATION “SUSTAINABLE DEVELOPMENT” IN THE JOURNALISTIC DISCOURSE IN SINOP-MT

ABSTRACT: This article is part of the activities carried out in the research and extension Project ‘Webbing of a discursivity in the Northern MatoGrosso region in Legal Amazon: contexts and possibilities of development with sustainability’. The goal of this research is to understand the discursivity put in the Northern MatoGrosso region inserted in Legal Amazon in the formulation ‘sustainable development’ through the theoretical postulations of the French line Discourse Analyses. In this article we analyse two pieces of News diffused in the printed media in Sinop, aiming to verify how the theme sustainable development is presented according to linguistic enunciations by the journalistic proposer in the journalistic discourse. We search to understand the different meaning effects that are found in the dialogues. Among the analyzed results that we evident in the formulations we can highlight dislocation, incompletions and polemics between the environmentalists’ and developmentists’ discourses, confronted in ideological socio-economical opposition that happens fundamentally because of the work organizations and the current political systems.

KEYWORDS: Journalistic Discourse; Sustainable development; Sinop.

¹Doutora em Letras pela USP. Professora de Língua Portuguesa e Linguística da UNEMAT (Departamento de Letras) – *Campus* Universitário de Sinop. E-mail: neusa@unemat-net.br

² Doutora em Educação pelo PPGEduc-UFRGS. Professora de Metodologia Científica da UNEMAT (Departamento de Pedagogia) – *Campus* Universitário de Sinop. E-mail: cristinne@unemat-net.br

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos analisar o discurso jornalístico na formulação ‘desenvolvimento sustentável’, por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa. Nosso objetivo de estudo visa compreender a discursividade posta na região norte mato-grossense, inserida na Amazônia Legal, e, assim, evidenciar a constituição de um espaço de dizer em suas relações político-jurídico-ambientais e econômicas que possibilite apreender os efeitos de sentidos que circulam nesta região.

Para este recorte, selecionamos duas notícias, para buscar compreender o papel da mídia impressa na mobilização de sentidos, e nas quais buscamos identificar as formas de constituição e os posicionamentos do enunciador-jornalista por meio das marcas linguísticas autorizadas por ele na enunciação.

2. O CORPUS DE ANÁLISE

De acordo com Philippsen (2007), é importante ressaltar que os investimentos na mídia impressa são muito recentes na cidade de Sinop³. O primeiro folheto, denominado *O Sinopeano*, surge em 1980 com o propósito de enaltecer as terras do norte do Estado de Mato Grosso. O primeiro jornal, *Gazeta Regional*, com formato tabloide, nasce em 1984, como prestador de serviço informativo à Prefeitura Municipal. Os primeiros proprietários eram médicos pioneiros no Município. Atualmente, com novo proprietário desde 1999, tem edição apenas semanal (às terças-feiras) com aproximadamente 2000 exemplares de tiragem. A maioria dos demais jornais, contudo, são da virada do milênio, ou seja, surgem no século XXI. O mesmo ocorre com os jornais *online*.

Os jornais escolhidos para a seletiva de notícias que compõem o *corpus* de análise foram os veículos informativos da mídia impressa sinopense com maior número de circulação na cidade e na região: *O Capital*⁴ e o *Diário Regional*⁵.

³Fundada em 14 de setembro de 1974, Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná), nome dado em homenagem à colonizadora privada, que projetou a cidade, dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado de Mato Grosso.

⁴A primeira edição deste jornal foi impressa em 05 de fevereiro de 2001, e tinha inicialmente circulação semanal. A partir de 18 de setembro de 2001, com novo proprietário, o administrador Zeno Schneider, passaria a ter duas edições semanais (quartas-feiras e sábados). A circulação atinge cerca de 2000 exemplares e as cidades de abrangência deste jornal são os Municípios de: Vera, Itaúba, Santa Helena, Cláudia, Cuiabá e Sorriso.

Dentre os dispositivos teóricos e autores utilizados nas tessituras de análise do discurso, destacamos: Michel Pêcheux (1997; 2002), Orlandi (1986; 1999; 2001; 2004), Lagazzi (2005), Brandão (2002), dentre outros. E, como pressupostos relacionados à imprensa e às possibilidades de gestos de leituras, mais especificamente em notícias jornalísticas, trabalhamos com Sant’Anna (2004), Maingueneau (2004), Pinto (2002), Mariani (1998) e outros.

A reflexão analítica, que apresentamos a seguir, pretende verificar as evidências enunciativo-discursivas dos mecanismos e processos discursivos que estabilizam uma notícia e, conseqüentemente, revelam as tensões entre informar e opinar. Conforme já especificado, a trajetória de seleção do *corpus* iniciou-se com a coletânea de textos que abordavam o assunto “desenvolvimento sustentável”; a escolha final dos textos para a análise ocorreu após a verificação detalhada dos microassuntos que circulavam nos *corporaveiculados* de 30/08/2009 a 21/09/2011, ou seja, nas cento e sessenta e seis (166) notícias catalogadas. Seleccionamos, então, para este recorte de análise, duas notícias, uma do jornal *Diário Regional* e outra do jornal *O Capital*.

3. A ANÁLISE: SENTIDOS SOBRE A FORMULAÇÃO “DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

Para iniciarmos esta análise, salientamos que o enfoque analítico na materialidade discursiva selecionada, ou seja, nos dois textos jornalísticos, ateu-se ao discurso relatado, isto é, na delimitação da noção operatória do discurso relatado que, segundo Sant’Anna (2004, p.127), é o “constituente maior do texto jornalístico de proposta informativa, é marca constitutiva, sem a qual não se pode imaginar a existência de um certo gênero notícia”.

Com as reportagens “Entidade mostra que setor não é o vilão da história” e “Guerra contra o desmatamento”, buscamos compreender os diferentes efeitos de sentido que aparecem nos diálogos entre as muitas vozes que são suscitadas no momento da produção e da circulação dos fatos trazidos pelos textos informativos que circulam nesse espaço discursivo.

O quadro abaixo traz datas e títulos dos textos selecionados:

⁵A primeira edição deste jornal surge apenas em outubro de 2003. O seu fundador e ainda proprietário é o administrador Rui Demilson. Trata-se de jornal diário, com exceção das segundas-feiras. A circulação aproxima-se de 3200 exemplares diários e entre as cidades de abrangência estão todas as da região norte do Estado, desde Nova Mutum até Guarantã do Norte.

QUADRO 01: Datas e títulos de jornais selecionados

Jornal DIÁRIO REGIONAL		Jornal O CAPITAL	
Data	Título	Data	Título
04 dez.2009	Entidade mostra que setor não é o vilão da história	28 mai. 2011	“Guerra” contra o desmatamento

Destacamos, ainda, que a opção pelo discurso relatado deve-se à praticidade que este recurso operatório tem em identificar as formas de constituição e posicionamentos do enunciador-jornalista por meio das marcas linguísticas autorizadas por ele na enunciação, visto que

[...] o traço tênue entre a confiança e a desconfiança naquilo que a imprensa escrita divulga, neutraliza-se quando o enunciador emprega, com sucesso, o discurso relatado como parte de suas estratégias para se fazer respeitar pela sociedade. O discurso que instaura uma verdade submete as opiniões, faz-nos desconfiar que talvez estivéssemos errados em nosso ponto de vista quando ele não coincide com o exposto por aquela voz autorizada e verdadeira. (SANT’ANNA, 2004, p.159).

Por sua vez, essas marcas linguísticas tanto podem atribuir claramente o citado a alguém, quando há, por exemplo, o emprego dos discursos direto⁶, indireto⁷ e segundo⁸, quanto podem valer-se de estratégias mais peculiares na utilização do dito do Outro⁹, como pelo intertexto¹⁰, recuperando a apresentação de números, estatísticas, conteúdos de leis, projetos e acordos, e pelo discurso narrativizado, recurso este utilizado pelo enunciador-jornalista para apagar o dizer do Outro com o propósito de confundir o co-enunciador-leitor com a ideia de ‘informar objetivamente’ (SANT’ ANNA, 2004).

Entender as razões pelas quais o enunciador-jornalista traz vozes de outrem marcadas no texto ou as neutraliza nas formas de apagamento/silenciamento da citação é importante para revelar os sentidos que são mobilizados no cerne dos discursos sobre o desenvolvimento sustentável circundantes na região norte mato-grossense.

⁶“Na verificação de recursos tipográficos, tais como dois pontos, aspas, itálico, verbo *dicendi*; marcas que atribuem o citado integralmente ao outro” (SANT’ANNA, 2004, p.175).

⁷“Em verbos *dicendi* + que (se, como), capazes de recuperar o ato citado do outro no enunciado do jornalista” (Idem, p. 177).

⁸ “Nos modalizadores do tipo ‘segundo a, por outro lado’ que correspondem a verbos de opinião, tais como: ‘imagina que, pretende que, afirma que’” (Idem).

⁹Adotamos, em nosso contexto de pesquisa, a noção de Outro em consonância com Maingueneau (2005), que o conceitua sob a forma de “simulacro” que se constrói dele, ou seja, em um processo de tradução nas categorias do Mesmo.

¹⁰“Esse recurso pode estar apresentado como parte de um conjunto de informações dadas pelo enunciador-jornalista, não lhe sendo atribuído nenhum verbo de ação ou, ao contrário, cabendo-lhe uma ação que desencadeia reações”. (Idem, p. 179).

Observamos, também, que o discurso relatado utilizado na mídia tem ainda outro efeito que importa ao jornalista: “quando o enunciador cita no discurso direto a fala de alguém, não se coloca como responsável por essa fala, nem como sendo o ponto de referência de sua ancoragem na situação de enunciação” (MAINGUENEAU, 2004, p.138), ou seja, sabe-se que o enunciador-jornalista é o responsável pela enunciação; no entanto, ele atribui ao outro a responsabilidade do dito, num eterno jogo de vozes que aparecem simultaneamente em uma dada notícia. É o que veremos, a seguir, nas considerações analíticas apreendidas nos fios discursivos das formulações destacadas em cada notícia.

Para um melhor acompanhamento metodológico, apresentaremos quadros em que localizamos os fragmentos da fala de outrem e que representam parágrafos dos textos do *corpus* composto pelas duas notícias para, em seguida, tecermos novas reflexões. A ênfase na voz do Outro será destacada em negrito, sendo, portanto, os grifos de nossa autoria.

Apontaremos, também, os seguintes indicadores de incidência do discurso relatado: os fragmentos de texto, nos quais o jornalista utiliza essa noção operatória, e a voz de outrem, ou seja, a quem o produtor da notícia recorre para dar autenticidade e veracidade ao seu texto. As formas de discurso relatado visualizadas nos fragmentos serão disponibilizadas de acordo com a seguinte sequência – (1) discurso direto, (2) discurso indireto, (3) discurso segundo, (4) intertexto e (5) discurso narrativizado, identificado por marcas tipográficas, tais como pelo recurso do verbo *discendi*(v.), indicador da ação, podendo haver exceções quando não é atribuída nenhuma ação ao verbo, mas é apresentado desencadeando reações (d. r.).

1 Jornal DIÁRIO REGIONAL – 1ª Notícia

Ed. 1834, Editoria¹¹: Cotidiano, p.05, Data: 04/12/2009

Autoria/origem: Da Reportagem (matéria não assinada)

QUADRO 02: TÍTULO: “Entidade mostra que setor não é o vilão da história”

Fragmentos (F) da Notícia 1 (N1)	Voz do Outro	Formas de Discurso Relatado
N1F1 – É a única forma legal de retirar a madeira a madeira que está em território Amazônico.	Forma legal	(4) Intertexto v. retirar (d.r.)

¹¹Editoria ou Seção refere-se ao conteúdo editorial que o jornal divide em temas, apresentando um ou mais assuntos ligados a esse tema.

N1F2 – O sistema é adotado por indústrias madeireiras de todo o Mato Grosso para garantir a preservação das florestas, ampliar a geração de empregos e o rendimento familiar das regiões de florestas amazônica.	Indústrias madeireiras	(5)Discurso Narrativizado v(s). garantir/ampliar
N1F3 – O planejamento é rigoroso e para colher a madeira é preciso obter uma licença da Secretaria Estadual de Meio Ambiente .	Secretaria Estadual de Meio Ambiente	(5) Discurso Narrativizado v. colher
N1F4 – O documento só é emitido após uma análise da propriedade, com base em fotos feitas via satélite e uma visita ao local. [...] Cada área manejada poderá ser reaproveitada comercialmente apenas 25 anos depois de explorada. É permitida a retirada de 30 metros cúbicos por hectare de madeira. Somente árvores não-frutíferas, fora dos leitos dos rios, com caules de mais de 50 centímetros de diâmetro e densidade populacional acima de 0,05% podem ser cortadas.	O documento... 25 anos depois 30 metros cúbicos 50 centímetros de diâmetro Densidade populacional acima de 0,05%	(5)Discurso Narrativizado v. poder ser (d.r.)
N1F5 – Divulgar este trabalho e a responsabilidade ambiental do setor, revertendo a imagem de “vilão” destruidor da Amazônia, foi o objetivo do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso (Sindusmad) e Centro das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Madeira (Cipem) ao lançar o documentário “Floresta em Pé: com Manejo é possível”..	Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso (Sindusmad) Centro das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Madeira (Cipem)	(5)Discurso narrativizado v(s). divulgar/lançar
N1F6 – Cerca de 2 milhões de hectares já são explorados de maneira sustentável. A expectativa é que 2,8 milhões de hectares da Amazônia mato-grossense sejam beneficiados com o manejo florestal até o início de 2010. Espera-se que esse número chegue a 6 milhões de hectares em 20 anos.	2 milhões de hectares 2,8 milhões de hectares 6 milhões de hectares	(4)Intertexto (d.r.)
N1F7 – “Muitas pessoas não sabem que não somos nós os responsáveis pelo desmatamento, feito pelo corte raso. Nós precisamos da floresta em pé”, disse José Eduardo Pinto .	José Eduardo Pinto	(1)Discurso direto Uso de aspas v. dizer

2 Jornal O CAPITAL – 2ª Notícia

Ed. 1123, Editoria: Geral, p.06, Data: 28/05/2011

Autoria/origem: Jamerson Miléski

QUADRO 03: TÍTULO: “‘Guerra’ contra o desmatamento”

Fragmentos (F) da Notícia 2 (N2)	Voz do Outro	Formas de Discurso Relatado
N2F1 – O combate e a repressão ao desmatamento na região Norte de Mato Grosso é atribuição do Exército Nacional .	Exército Nacional	(5) Discurso Narrativizado (d.r.)
N2F2 – O CMO (Comando Militar Oeste) montou uma base operacional em Sinop, com estrutura suficiente para deflagrar um estado de guerra.	O CMO (Comando Militar Oeste)	(5) Discurso Narrativizado v(s). montar/deflagrar
N2F3 – O braço militar dará sustentação às ações do Ministério do Meio Ambiente .	Ministério do Meio Ambiente	(5) Discurso Narrativizado v. dar
N2F4 – “Não é uma operação de guerra porque não estamos em guerra. É uma operação militar que conta com uma estrutura e um efetivo adequado à missão. Se forem necessárias mais tropas, enviaremos”, declarou em entrevista ao Jornal Capital o general comandante do CMO, João Francisco Ferreira .	O general comandante do CMO, João Francisco Ferreira	(1) Discurso Direto Uso de aspas v. declarar
N2F5 – O general esteve em Sinop nessa sexta-feira para acompanhar a ação.	O general	(5) Discurso Narrativizado v. acompanhar (d.r.)
N2F6 – Para essa operação foram enviados 200 militares do <i>batalhão de Campo Grande</i> ¹² . Desses, aproximadamente 30 são oficiais	Essa operação 200 militares <i>Batalhão de Campo Grande</i> Aproximadamente 30	(4) Intertexto (d.r.) (5) <i>Discurso narrativizado</i>
N2F7 – O <i>exército</i> também enviou 20 viaturas motorizadas que fazem monitoramento por solo e dois helicópteros , além dos helicópteros do Ibama que já operam na região desde terça-feira. A operação de combate ao desmatamento foi deflagrada na quarta-feira, com a presença <i>da ministra do Meio Ambiente, Isabella Teixeira, do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e do governador, Silval Barbosa</i> .	<i>O Exército</i> 20 viaturas motorizadas dois helicópteros <i>Da ministra do Meio Ambiente, Isabella Teixeira, do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e do governador, Silval Barbosa</i>	(5) Discurso narrativizado v(s). enviar/fazer/operar (d.r.) (4) Intertexto
N2F8 – A maior parte dos desmatamentos registrados pelo INPE (Instituto Nacional	INPE (Instituto Nacional de	(5) Discurso narrativizado (d.r.)

¹² O itálico foi inserido para identificar que, nesse fragmento, ocorrem o intertexto, em negrito, e o discurso narrativizado, em itálico.

de Pesquisa Espacial), foi registrada no Norte de Mato Grosso.	Pesquisa Espacial)	
N2F9 – São 480 km quadrados de desmatamento. (...) O marco de abertura da operação foi o embargo à Fazenda Santa Maria.	480 km quadrados Operação	(4) Intertexto (d.r.)
N2F10 – Com a presença dos ministros, governador, presidentes dos sindicatos do setor produtivo e muitos órgãos de imprensa , o helicóptero do Ibama pousou na propriedade para registrar a infração.	Ministros, governador, presidentes dos sindicatos do setor produtivo e muitos órgãos de imprensa	(5) Discurso narrativizado v(s). pousar/registrar
N2F11 – Até agora esse é o desmatamento emblemático da operação .	Da operação	(4) Intertexto (d.r.)
N2F12 - A propriedade tem 1,2 mil hectares . Desses, 120 hectares já desmatados e 200 hectares em fase de desmate . Na fazenda foram apreendidos dois tratores , o correntão utilizado para a derrubada das árvores e cerca de 1,6 mil toneladas de arroz , que serão doados ao <i>Programa Fome Zero</i> .	1,2 mil hectares 120 hectares já desmatados e 200 hectares em fase de desmate Dois tratores 1,6 mil toneladas de arroz <i>Programa Fome Zero</i>	(4) Intertexto (d.r.) (5) <i>Discurso narrativizado</i>
N2F13 - Frente a frente com o correntão que “varreu” a vegetação, a ministra do Meio Ambiente pediu o comprometimento do governador para que Mato Grosso defenda o desmatamento zero. Silval concordou.	A ministra do Meio Ambiente Silval	(2) Discurso indireto v(s). pedir/concordar
N2F14 – O proprietário das terras, <i>Nevio Manfio</i> , foi multado em R\$ 600 mil terá o nome publicado em uma lista no <i>site do Ministério do Meio Ambiente (MMA)</i> .	<i>Nevio Manfio</i> R\$ 600 mil <i>Ministério do Meio Ambiente (MMA)</i>	(5) <i>Discurso narrativizado</i> (d.r.) (4) Intertexto
N2F15 – Conforme a ministra , as ações em campo são ainda para prevenir novos desmatamentos ilegais, além de tratar das áreas embargadas, que geralmente estão associadas ao crime ambiental, e que não podem ter produção associada.	Conforme a ministra	(3) Discurso segundo ¹³ (e.o.) ¹⁴ Modalizador: conforme
N2F16 – ‘Temos 62% dos municípios de Mato Grosso que estão reduzindo o desmatamento, conforme planejado. Então temos que reconhecer que tem mais gente séria, que cumpre a lei, e que o Estado de	A ministra	(1) Discurso Direto Uso de aspas v. declarar

¹³O discurso segundo, tal como apresentado por Sant’Anna (2004, p.177), é um recurso utilizado para identificar a personalização da “experiência de um indivíduo”, dessa forma, é comum visualizar a expressão de opinião (EO) por meio da *modalização em discurso segundo*, que se localiza entre o discurso direto e o indireto.

¹⁴ Expressão de opinião.

Mato Grosso tem produção sustentável’, declarou a ministra .		
N2F17 – ‘Queremos duplicar a produção sem tocar em um pé de árvore. Essa é a nossa meta: produção com sustentabilidade’, completou Silval .	Silval	(1)Discurso Direto Uso de aspas v. completar
N2F18 – Diferente das operações ambientais anteriores , a posição do <i>setor produtivo</i> não foi de enfrentamento. <i>O presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Rui Prado</i> , elogiou a ação como forma de fiscalização e repressão <i>aos produtores</i> que não cumprem com a lei.	Operações ambientais anteriores <i>Setor produtivo</i> <i>O presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Rui Prado</i> <i>Aos produtores</i>	(4) Intertexto (d.r.) (5) <i>Discurso narrativizado</i> v(s). elogiar/cumprir
N2F19 – Segundo ele , 62% da vegetação nativa está intacta e os produtores têm consciência da imagem que têm fora do país, no mercado exportador, quem desmata para produzir.	Segundo ele	(3)Discurso segundo (e.o.) Modalizador: segundo
N2F20 – Já o presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad), José Eduardo Pinto , disse que a classe é contra qualquer tipo de ilegalidade e que 90% da madeira utilizada pelos madeireiros (dentro da lei) é oriunda do manejo florestal, que trabalham de forma consciente, preservando o meio ambiente.	O presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad), José Eduardo Pinto	(2) Discurso indireto v. dizer
N2F21 – ‘Somos guardiões da floresta’, completou.	O presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso (Sindusmad), José Eduardo Pinto	(1)Discurso Direto Uso de aspas v. completar

A partir da leitura atenta dos dois quadros de fragmentos textuais apresentados, ressaltamos as recorrências empregadas pelos enunciadores-jornalistas e os possíveis efeitos de sentido que essas estratégias tendem a evocar no imaginário do sujeito-leitor. Dessa forma, conforme Pechêux(1997, p. 160),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade

do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Assim, se concordamos com essa tese do autor, coadunamos a ideia de que as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Do mesmo modo, ao refletirmos sobre a constituição dos sentidos e dos sujeitos, “considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 1999, p. 15), podemos, então, atribuir aos jornalistas um papel de destaque na construção de efeitos de sentido no espaço enunciativo-discursivo de circulação das notícias, espaço esse que se localiza, essencialmente, na circunvizinhança do norte de Mato Grosso.

Os recursos empregados para “tentar” tornar as informações “verossímeis, imparciais e objetivas” tendem a dar credibilidade ao enunciador-jornalista e mesmo à instituição. Isto porque:

[...] cria-se uma tensão entre dois pólos constitutivos da natureza do que se prescreve como o papel da imprensa escrita: por um lado, deve estar fora, isto é, transporo fato social para o espaço discursivo do jornal, mantendo a objetividade; por outro, deve estar dentro, isto é, ser espaço discursivo que reenvia sentidos ao espaço social, abrindo-se a posicionamentos ideológicos, já que ela mesma é integrante da sociedade na qual ocorrem os fatos sociais. (SANT’ANNA, 2004, p.98-99).

Entre os recursos utilizados, o destaque evidenciado em nossas análises está na preocupação em acentuar as formas de discurso relatado impresso por vozes legitimadas e autorizadas para que os textos, de base informativa, tenham caráter de verdade e apresentem o modelo “ideal” de jornalismo, aquele que delimita as “informações objetivas”, sem expressão de opinião.

O jornalista, dessa forma, imbuída da ideologia institucional e da necessidade em utilizar uma competência discursiva para se revelar conhecedor de uma linguagem hermética, requerida pelo campo discursivo a que este se propõe, acredita que, garantindo a fonte como efeito da restituição exata das palavras de outrem, traz nestas marcas lugares legítimos do seu posicionamento. (Ibidem, 2004).

No entremeio das marcas de autoridade e dos dados estatísticos, contudo, revela-se um

enunciador-jornalista que pincela mesclas de opinião e, nas escolhas sintáticas, permeia sutilezas que refletem o encaminhamento semântico do processo discursivo. Dessa maneira, o discurso narrativizado¹⁵, que revela as posições enunciativas das quais se valem os enunciadores-jornalistas nos dois textos analisados, aparece 15 (quinze) vezes nos recortes do *corpus* selecionado (em N1F2 – N1F3 – N1F4 – N1F5 – N2F1 – N2F2 – N2F3 – N2F5 – N2F6 – N2F7 – N2F8 – N2F10 – N2F12 – N2F14 – N2F18).

Os usos preferenciais desse tipo de citação no corpo enunciativo-discursivo das notícias são exemplos característicos da transformação do dizer do Outro, da identificação com o discurso do Outro ou ainda do completo apagamento deste Outro. Essa atenuação da presença do Outro é que imprime os efeitos de sentido do “informar objetivamente”, como também sobre as origens dos dados informados. A estratégia do uso do discurso narrativizado, dessa forma, pode ser considerada como uma mescla de apagamento da voz autorizada, que se confunde com a “impessoalidade” do discurso do jornalista, isto porque, conforme Sant’Anna (2004, p.285), “ao não ser apresentada como se constituindo em espaço qualificado para a opinião, a notícia não cria no receptor potencial as estratégias para captar possíveis opiniões inerentes a qualquer manifestação da subjetividade humana”.

Se no discurso narrativizado a fonte do relato é atenuada e a construção do simulacro do Outro se confunde no discurso do enunciador-jornalista, é possível, então, constatar nessa constituição da dinâmica discursiva que há uma constante tensão entre informar objetivamente e opinar. Isso decorre, fundamentalmente, porque:

O sujeito enunciator produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão. (MARIANI, 1998, p.60).

Tal estratégia, porém, geralmente passa despercebida pelo leitor porque os redatores, ao mesmo tempo, se valem de recursos de vozes autorizadas (oficiais), tais como, em nossas duas notícias, da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso (Sindusmad), do Centro das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Madeira (Cipem), do Exército Nacional, de ministros, governador, presidentes dos sindicatos, órgãos de imprensa, dentre outras. Sendo que tais recursos são complementados pelo uso do discurso

¹⁵ Conforme Sant’Anna (2004), o discurso narrativizado (forma narrativizada máxima de um possível discurso indireto) é uma forma “mais apagada” da atribuição do discurso a outro e em que o enunciador-jornalista capta, modifica ou até mesmo apaga o dizer do Outro, com o intuito de confundir-se com a ideia de “informar objetivamente”.

direto, que é bastante adotado em notícias jornalísticas, como podemos observar em nosso *corpus* (06 vezes: em N1F7 – N2F4 – N2F7 – N2F16 – N2F17 – N2F21).

Uma das justificativas para a preferência do discurso direto pode estar relacionada com o que Pinto chama de “efeito de objetividade narrativa” para o qual, estrategicamente, “o enunciador se apaga deixando ‘os fatos falarem por si mesmos’” (2002, p.93). Dessa maneira, o jornalista apenas se responsabilizaria em “transmitir as informações” recebidas de outras fontes, com isenção de avaliação, objetividade e transparência para um leitor que desconhece os acontecimentos e quer tomar conhecimento dos fatos.

Portanto, para mostrar a preocupação com a verdade e estimular os efeitos de objetividade, os enunciadores-jornalistas, responsáveis pelas produções textuais das notícias apresentadas acima, valem-se de vozes de autoridades para reiterar e validar as informações fornecidas, que revelam efeitos de sentido que intuem transmitir a realidade ‘objetiva’ dos eventos narrados como, por exemplo, da *ministra do Meio Ambiente, Izabela Teixeira*, do ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, do *governador de Mato Grosso, Silval Barbosa*, do *presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Rui Prado*, do presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso, José Eduardo Pinto, e outros.

As marcas discursivo-linguísticas verificadas e transcritas da materialidade, juntamente com as estratégias do intertexto, que retratam as certezas técnicas, do campo da legalidade, dos dados estatísticos com números, acordos e projetos de lei, pretendem não só reconstituir os fatos apresentados em uma dada notícia, mas também mostrar que as citações de autoridade reforçam a “verdade e legitimidade” das informações apresentadas. Esse esforço pela impessoalidade no jornalismo não é recente, e, segundo Mariani, o jornalismo passa a adotar o discurso relatado:

Sobretudo a partir das décadas de 40/50, época em que as matérias assinadas e não-assinadas começam cada vez mais a utilizar uma ‘gramática da impessoalidade’, [...] na tentativa de levar a uma demarcação das fronteiras entre ditos diferentes e, deste modo, produzindo um apagamento do locutor-jornalista, reforçar a idéia de que tanto os fatos quanto os sujeitos falam por si. As falas autonomamente reproduzidas sinalizariam, deste ponto de vista, as origens do dizer ou fontes de sentidos sobre os quais o jornal não tem controle ou responsabilidade. (MARIANI, 1998, p.189).

Assim, como vimos, a impossibilidade de objetividade jornalística se mostra evidente quando os textos passam a ser analisados no todo do tecido discursivo. De acordo com as

marcas discursivas reveladas nas análises, podemos afirmar que a proposta político-econômica dominante na região norte mato-grossense associa-se ao projeto de desenvolvimento, conforme se pode observar no Quadro 03, mais especificamente no fragmento (N2F17), na voz de autoridade máxima do Estado de Mato Grosso, o governador Silval Barbosa, ao dizer que a ênfase de sua atuação à frente do Estado está em “produzir com sustentabilidade”. Tal enfoque desenvolvimentista é reforçado pelo presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso (Famato), Rui Prado, quando afirma que “os produtores têm consciência da imagem que têm fora do país, no mercado exportador, quem desmata para produzir” (N2F19).

Nas nuances do discurso narrativizado, verifica-se, também, o imperativo do desenvolvimento, como na formulação dezoito da notícia dois (N2F18), em que se evidencia na materialidade discursiva o substantivo “enfrentamento”, pois, “diferente das operações ambientais anteriores, a posição do setor produtivo não foi de enfrentamento”, numa demonstração de que a preservação ambiental e a sustentabilidade estão à mercê do embate promovido pelo setor de produção.

Por outro lado, há a circulação de sentidos de entidades que procuram se isentar da responsabilidade dos altos índices¹⁶ de desmatamento que a região norte do estado vem atingindo nos últimos anos. É o caso das Indústrias Madeireiras, que vêm bradando não serem as “vilãs” do grande contingente de retirada de madeira das florestas do território amazônico. Pelo contrário, dizem ter se ajustado às questões legais de responsabilidade ambiental exigida para o setor e chegam a se intitular como “os guardiões da floresta” (N2F20), bem como afirmam que a entidade precisa da “floresta em pé” (N1F7), de acordo com o presidente do Sindusmad, José Eduardo Pinto.

Tais sentidos já se apresentam na entrada semântica que o título da primeira notícia “Entidade mostra que setor não é o vilão da história” oferece ao leitor efeitos de sentido sobre a sustentabilidade na região, e que reforça a assertiva de Rossi (2000, p.44), quando diz que “o título é necessariamente a primeira coisa que o leitor vai ter acesso no seu processo de leitura, sua importância é fundamental”.

¹⁶47,8 km², conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), divulgados em 03/10/2011.

4. CONCLUSÃO

Ao verificarmos as marcas linguístico-discursivas dos fios discursivos que tecem nosso *corpus*, é possível afirmar que há duas grandes “vozes” recorrentes, inscritas em formações discursivas distintas: o discurso “desenvolvimentista” e o discurso que se apresenta como ecologicamente “correto”. No decorrer de nossas análises, os discursos, quando confrontados nas formas de discurso relatado, tenderam a mostrar efeitos de sentido de um discurso que se põe em evidência: o desenvolvimentista. E é no embate entre as formações discursivas ‘desenvolvimentista’ e ‘sustentável’ que a temática “desenvolvimento sustentável” se manifesta e mobiliza distintos sentidos veiculados pela mídia impressa nos entornos da região norte mato-grossense.

5. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. *Introdução à Análise do Discurso*. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

JORNAL DIÁRIO REGIONAL. *Entidade mostra que setor não é o vilão da história*. Sinop, 04 de dez. de 2009. Ed. 1834. Editoria: Cotidiano, p.05.

LAGAZZI, S. A Prática do confronto com a materialidade discursiva: um desafio. In: GUIMARÃES, E.; PAULA, A. (Orgs.). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005.

LOURENÇO, Luana. *Pará foi campeão de desmatamento em agosto*. 03/10/2011. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-10-03/para-foi-campeao-de-desmatamento-em-agosto>>. Acesso em: 02 fev. de 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez: 2004.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

MILÉSKI, Jamerson. “Guerra” contra o desmatamento. *Jornal O Capital*, ed. 1123, editoria: Geral, p.06. Sinop, 28 de mai. de 2011.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1986.

---. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

---. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

---. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

---. *O Discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. *Mídia impressa e heterogeneidade*: polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*: introdução à análise de discursos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul*: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade. São Paulo: EDUC, 2004.